



A transição do princípio do prazer ao de realidade segundo Ferenczi e Spielrein

*The transition from the pleasure principle to the reality
principle according to Ferenczi and Spielrein*

FÁTIMA CAROPRESO ^a

JOÃO ALVES MACIEL NETO ^b

Resumo

O psicanalista húngaro Sándor Ferenczi elaborou uma teoria sobre a transição do princípio do prazer ao princípio de realidade, que permite complementar e aprofundar as hipóteses freudianas sobre esses princípios. De acordo com a sua teoria, esse processo envolve uma série de estágios, ao longo dos quais, gradualmente, a diferenciação entre o eu e o mundo externo é estabelecida e o sentimento de onipotência é abandonado. Freud e Ferenczi, contudo, não focaram a questão da maneira como o desenvolvimento da linguagem verbal acompanha esse processo de transição entre os dois princípios, questão essa abordada pela psicanalista russa Sabina Spielrein. Esta autora complementa as teorias de Freud e Ferenczi, ao abordar o fenômeno em questão a partir de uma perspectiva diferente, ou seja, daquela do desenvolvimento da linguagem. Apesar da originalidade e da importância da contribuição de suas teorias para a compreensão do funcionamento mental, Ferenczi e, sobretudo, Spielrein são autores ainda pouco estudados, que merecem maior atenção e reconhecimento, o que justifica o resgate de suas teorias. Nesse artigo, abordamos algumas das hipóteses dos dois autores que permitem uma melhor compreensão do processo de diferenciação entre o eu e o mundo externo e de transição do princípio de prazer ao princípio de realidade. Nos baseamos na análise do texto de Ferenczi *O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus Estágios*, de 1913, e nos textos de Spielrein *O surgimento e o desenvolvimento*

^a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, Brasil. Doutora em Filosofia, e-mail: fatimacaropreso@uol.com.br. Apoio CNPq (Bolsa de Produtividade em Pesquisa).

^b Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, Brasil. Mestre em Psicologia, e-mail: joaowmaciel@gmail.com

da fala articulada e *A origem das palavras infantis papai e mamãe*, publicados, respectivamente, em 1920 e 1922.

Palavras-chave: Metapsicologia. Sándor Ferenczi. Sabina Spielrein. Princípio do Prazer. Princípio de Realidade.

Abstract

Hungarian psychoanalyst Sándor Ferenczi developed a theory about the transition from the pleasure principle to the reality principle that deepens and complements the Freudian hypotheses regarding these principles. According to his theory, this process includes a series of stages, along which, gradually, the differentiation between the ego and the outside world is established and the feeling of omnipotence is abandoned. Freud and Ferenczi, however, did not focus on how the verbal language development accompanies the transition process between the two principles, a question addressed by Russian psychoanalyst Sabina Spielrein. The author complements Freud and Ferenczi theories by approaching this phenomenon from a different perspective, that is, from the development of language. Despite the originality and importance of their theories' contributions for comprehending mental working, Ferenczi and, above all, Spielrein are authors still understudied and deserve greater attention and recognition, justifying the rescue of their theories. In the present article, we present some of the ideas from these two authors which allow a better understanding of the process of differentiation between the ego and the outside world and the transition from the pleasure principle to the reality principle. We based our analysis on Ferenczi's "Stages in the development of the Sense of Reality", from 1913, and on Spielrein's "On the question of the origin and development of Speech" and "The origin of child's words Papa and Mama: some observations on the different stages in language development", from 1920 and 1922, respectively.

Keywords: Metapsychology. Sándor Ferenczi. Sabina Spielrein. Pleasure principle. Reality principle.

No texto *O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus Estágios* (FERENCZI, [1913] 1916), Ferenczi elabora uma teoria sobre a passagem do princípio do prazer ao princípio de realidade, que complementa e aprofunda a teoria freudiana acerca desses princípios. Ele argumenta que o processo de aquisição do sentido de realidade envolve uma série de estágios, ao longo dos quais, gradualmente, a diferenciação entre o eu e o mundo externo é estabelecida e o sentimento de onipotência é abandonado. Freud e Ferenczi, contudo, não focaram a questão sobre a maneira como o desenvolvimento da linguagem verbal acompanha esse processo de transição entre os dois princípios, a qual é abordada pela psicanalista russa Sabina Spielrein. Santiago-Delefosse e Delefosse

(2002) esclarecem que Spielrein foi a primeira psicanalista que demonstrou interesse pela linguagem infantil. Fuentes Barco *et al.* (2008) acrescentam que Spielrein foi uma das pioneiras no desenvolvimento da psicologia infantil e foi a primeira autora a vincular as teorias freudianas à linguagem. Na palestra *O surgimento e o desenvolvimento da fala articulada* proferida no VI Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Haia, em 1920, assim como no texto *A origem das palavras infantis papai e mamãe*, de 1922, a autora descreve os estágios do desenvolvimento da linguagem verbal e mostra como esses estágios acompanham o processo de aquisição e consolidação do princípio de realidade.

As hipóteses metapsicológicas de Sándor Ferenczi, assim como aquelas de Sabina Spielrein, ainda são pouco estudadas e reconhecidas, embora ambos tenham formulado teorias bastante originais e contribuído de forma significativa para a elucidação das características do desenvolvimento psíquico. Esse artigo tem como objetivo apresentar e discutir algumas das ideias desses autores que permitem uma melhor compreensão do processo de diferenciação entre o eu e o mundo externo e de transição do princípio de prazer ao princípio de realidade.

A teoria de Ferenczi sobre o desenvolvimento do sentido de realidade

Os conceitos de princípio do prazer e princípio de realidade foram abordados de forma sistemática por Freud no texto *Formulações sobre os dois princípios do acontecimento psíquico* (FREUD, [1911] 1998b), embora eles não surjam na teoria nesse momento, mas derivem de hipóteses que começam a ser formuladas no *Projeto de uma psicologia* (FREUD, [1950] 1998c) e são desenvolvidas nos textos metapsicológicos subsequentes. De acordo com a teoria apresentada em 1911, o princípio do prazer governaria os processos inconscientes, ou processos primários, e direcionaria o funcionamento mental no sentido da fuga do desprazer e da obtenção da satisfação da forma mais direta possível, sem consideração pelo mundo externo. Em um funcionamento mental regido unicamente por tal princípio não estaria presente a diferenciação entre fantasia e realidade e os desejos conduziriam à alucinação do objeto desejado. A partir de certo momento, contudo, esse modo primário de

funcionamento mental não seria mais eficiente para propiciar a satisfação das necessidades e emergiria, então, uma forma inibida de funcionamento mental, denominada “processo secundário” ou “pré-consciente”, o qual seria guiado pelo “princípio de realidade”. Nos processos mentais governados por esse último princípio, a busca alucinatória da satisfação seria inibida e o mundo externo seria levado em consideração, o que permitiria a real satisfação das necessidades da criança e, portanto, sua sobrevivência.

Como comentam Herzog e Pacheco-Ferreira (2015), Ferenczi sempre teve um interesse especial pelos primeiros anos do desenvolvimento psíquico e pelas relações precoces do ego com seus objetos primários. Em *O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus Estágios* (FERENCZI, [1913] 1916), o autor comenta que, embora Freud tenha formulado uma teoria sobre a passagem do princípio de prazer ao princípio de realidade, ele “não deixa respondida a questão de se o desenvolvimento da segunda forma de atividade mental pela primeira acontece gradualmente ou em uma série de etapas” ([1913] 1916, p. 182). Ele elabora, então, algumas hipóteses para esclarecer as características dessa transição.

No início do texto, Ferenczi ([1913] 1916) comenta que a análise de pacientes neuróticos obsessivos lhe permitiu compreender algumas características especiais deste quadro, como a sensação de onipotência do pensamento obsessivo, assim como o exacerbado distanciamento da realidade concreta que essa patologia apresenta. Os pacientes viam-se compelidos a pensar e performar as mais diversas ações e rituais, mesmo que a experiência concreta e a razão refutassem a real eficácia de tais pensamentos e ações. Ao considerar que tais pensamentos obsessivos ilógicos seriam substitutos de moções de desejo logicamente corretas, mas reprimidas, Ferenczi julga importante voltar-se primeiramente ao problema de por que motivo essas manifestações ocorrem dessa forma.

Seguindo as ideias que Freud apresentara em sua análise do homem dos ratos (FREUD, [1909] 2013), Ferenczi ([1913] 1916) observa que a neurose obsessiva se caracteriza por uma regressão a um estágio infantil do desenvolvimento psíquico, no qual os processos de inibição, adiamento e elaboração do pensamento ainda não se interpuseram entre o desejo e a ação; um período marcado pelo sentimento de onipotência dos pensamentos. O autor, então, procura esclarecer em que etapa do

desenvolvimento psíquico a criança concebe o pensamento e ação como semelhantes, de forma a rastrear mais precisamente a origem da sensação de onipotência e, assim, formular uma teoria mais detalhada sobre a passagem do princípio do prazer ao princípio de realidade no desenvolvimento do ego. Como resultado, ele identifica uma série de estágios pelos quais a criança passa em tal processo e procura caracterizá-los.

Ferenczi argumenta que há um período no desenvolvimento humano em que as necessidades da criança são plenamente realizadas instantaneamente, não de forma alucinatória, como propusera Freud com suas hipóteses sobre o princípio do prazer, mas de forma factual e efetiva. Tal período corresponderia à vida intrauterina do bebê, na qual não é necessário fazer qualquer esforço para conseguir os nutrientes e o oxigênio necessários para a sobrevivência, uma vez que o corpo da mãe fornece automaticamente tudo que ele necessita, sem que seja necessário desejar. Esse período inicial do desenvolvimento psíquico é denominado *período da onipotência incondicional*. Nele, a vida mental estaria submetida ao princípio do prazer de maneira exclusiva, ou seja, não apenas na imaginação e de forma aproximada, como supunha Freud, mas na realidade e de modo efetivo. Assim, essa fase seria caracterizada por “uma quietude isenta de desejos” (FERENCZI, [1913] 1916, p. 187).

Para Ferenczi ([1913] 1916), portanto, já haveria atividade mental, mesmo que inconsciente, na vida intrauterina, de forma que a primeira impressão mental de todo ser humano seria a de completa onipotência. Ele argumenta que não há justificativa para acreditar que a mente só inicia o seu funcionamento no momento do nascimento e que a atividade mental intrauterina não influencia os processos psíquicos subsequentes. Seria justificado supor, ao contrário, que todo o psiquismo é marcado pela aspiração de reencontrar-se na situação de ausência de perturbações e de desejos, vivida dentro do útero.

Após o nascimento, a criança ingressaria em um novo estágio do desenvolvimento psíquico, o qual é denominado *período da onipotência alucinatória mágica*. Nessa nova etapa, ela deixa de ter suas necessidades instantaneamente satisfeitas e a primeira consequência de tal perturbação seria o reinvestimento alucinatório do estágio de percepção abandonado. No caso da criança bem cuidada, os cuidadores compreenderiam instintivamente seus desejos, a partir de manifestações como o choro e a agitação motora, e se esforçariam para colocá-la em situações que se

aproximassem, o máximo possível, da situação intrauterina perdida. Assim, do ponto de vista subjetivo, a onipotência incondicional da etapa anterior só seria modificada porque a criança teria que passar a investir de modo alucinatório o objeto desejado. Não estaria presente ainda a necessidade de modificar algo no mundo externo para obter a realização efetiva de seus desejos. As relações causais e a existência dos cuidadores seriam ignoradas e a criança se sentiria dotada de uma força mágica capaz de concretizar todos os seus desejos, mediante a simples representação de sua satisfação.

No entanto, uma vez que o mundo externo não responderia sempre imediatamente aos desejos da criança – de forma que em muitas situações o desprazer continuasse sendo vivenciado –, a partir de certo momento, ela se veria diante da necessidade de encontrar novas maneiras de alcançar a realização de seus desejos. Essa frustração e a necessidade de adaptação fariam com que o bebê passasse a usar descargas motoras, como o grito e a agitação, como se fossem sinais mágicos, cuja emissão, com um auxílio externo do qual ela não suspeitaria, seria capaz de trazer a satisfação. Como a criança conseguiria exprimir suas necessidades a partir dessa linguagem gestual e como os adultos buscariam satisfazê-la da forma mais rápida possível, o sentimento de onipotência continuaria presente. Ferenczi denomina essa nova etapa do desenvolvimento psíquico *Período de onipotência pela ajuda de gestos mágicos*.

Nesse momento, surgiria, então, uma primeira falha no modelo alucinatório de satisfação do desejo. Enquanto, anteriormente, os atos de chorar ou debater-se, por exemplo, consistiam apenas em descargas motoras descoordenadas, agora eles seriam utilizados como sinais para expressar determinadas perturbações. A criança passaria, assim, a dispor de uma linguagem gestual para expressar seus estados internos, contudo, ela teria a ilusão de que essa linguagem é capaz de trazer de forma mágica o desejado.

Os três estágios iniciais do desenvolvimento psíquico, descritos por Ferenczi ([1913] 1916) têm em comum o fato de se apresentarem como períodos em que, de uma forma ou de outra, a sensação de onipotência prevalece, seja ela incondicional, alucinatória ou decorrente de gestos mágicos. Nesses estágios, ainda não estaria presente a necessidade do sujeito de se diferenciar do mundo externo. No entanto, à

medida que as condições para a satisfação dos desejos se tornassem mais complexas, aumentaria o número de vezes em que tais desejos não seriam satisfeitos, o que produziria uma perturbação na eficácia dos gestos mágicos. Como consequência, o mundo externo passaria a ter que ser, cada vez mais, levado em consideração para que os desejos se realizassem, o que levaria a uma crescente ruptura na sensação de unidade entre o ego e o mundo externo. A diferenciação entre esses dois âmbitos seria, então, gradualmente estabelecida e essa transição marcaria a passagem do estágio de onipotência para o estágio de realidade (FERENCZI, [1913] 1916).

No estágio de realidade, a criança passaria, inicialmente, por um período animista. Nessa etapa, ela precisaria contentar-se em dispor de apenas uma parte do mundo, o ego, e passaria a investir o mundo externo com suas próprias qualidades. Dessa forma seriam estabelecidas íntimas relações simbólicas entre o corpo e o mundo objetivo. Por um lado, a criança veria no mundo apenas representações de sua corporalidade e, por outro, aprenderia a representar corporalmente a diversidade do mundo externo, aperfeiçoando a realização de gestos, por exemplo. Com isso, um importante passo seria dado no desenvolvimento psíquico da criança, visto que ela já seria capaz de diferenciar-se do mundo externo e seria capaz de expressar desejos mais complexos, que exigem, para sua realização, alterações específicas no mundo.

Após a passagem por esse período animista e a partir dos desenvolvimentos psíquicos alcançados, uma das novas formas que a criança encontraria de utilizar o corpo para melhor expressar as especificidades de seus desejos é a fala. Iniciando com a imitação de sons e barulhos, a capacidade de falar gradativamente substituiria a utilização de gestos e permitiria à criança representar uma multiplicidade de objetos e sentimentos, com maior precisão e menor dispêndio de energia. Essa etapa do desenvolvimento é denominada *Período dos pensamentos e palavras mágicas*.

Retomando algumas ideias apresentadas por Freud em *A Interpretação dos Sonhos* ([1900] 1998a), Ferenczi ([1913] 1916) sustenta que a consciência se instala no psiquismo concomitante ao desenvolvimento da linguagem. As representações de palavras, ao se associarem às representações inconscientes, dotariam essas de qualidades sensoriais, possibilitando a rememoração consciente. O autor considera que “o pensamento consciente por meio de signos verbais é a maior realização do aparelho

psíquico e sozinho faz o ajustamento à realidade possível através do retardamento da descarga motora reflexa e da liberação do desprazer” (FERENCZI, [1913] 1916, p. 195). A sensação de onipotência, no entanto, ainda seria parcialmente preservada, uma vez que, inicialmente, os desejos que a criança concebe sob a forma de pensamento são pouco numerosos e complexos, de forma que os cuidadores facilmente os inferem e conseguem realizá-los. Essa realização do desejo que se segue à produção da fala faria com que a criança continuasse acreditando deter poderes mágicos.

Ferenczi atribui a regressão psíquica do paciente acometido pelos sintomas da neurose obsessiva ao *Período de pensamentos e palavras mágicas*. Como comentamos, a tentativa de compreender a onipotência tanto dos pensamentos como das palavras presentes nos rituais e ações obsessivas foi um dos motivos que o incitou a realizar essa investigação¹.

O triunfo do princípio de realidade, por sua vez, teria como condição a dissolução da onipotência dos desejos e pensamentos em meras condições, ou seja, teria como condição a percepção do determinismo. Essa dissolução ocorreria gradualmente à medida que o indivíduo se deparasse com a frustração decorrente da falha em suas tentativas onipotentes de alcançar a satisfação. Tal aquisição caracterizaria o último estágio do desenvolvimento do sentido de realidade, denominado *Estágio científico de reconhecimento do mundo*².

Para Ferenczi ([1913] 1916), portanto, o desenvolvimento do sentido de realidade consistiria em uma adaptação gradual do ser humano ao mundo externo movida pela frustração, a qual seria condição para a sua sobrevivência. Em suas palavras:

Em geral, o desenvolvimento do sentido de realidade é representado por uma sucessão de recalcamientos, às quais a humanidade foi compelida, não por “tendências rumo ao desenvolvimento” espontâneas, mas por necessidade, por um ajustamento a uma renúncia demandada. O primeiro grande recalcamiento faz-se necessário pelo processo de nascimento, o qual certamente ocorre sem qualquer cooperação ativa,

¹ Ferenczi aponta também que essa característica exerce grande influência na superstição, nas práticas mágicas e em cultos religiosos.

² Embora no texto sobre o sentido de realidade Ferenczi não fale claramente do período científico enquanto um estágio, mas apenas enquanto um triunfo do princípio de realidade, em *O Problema da Afirmação do Desprazer* ([1926] 1927), o autor retoma esse ponto e considera que esse seria o último estágio do desenvolvimento do sentido de realidade. Caropreso (2019b) discute as hipóteses desenvolvidas por Ferenczi sobre o desenvolvimento do sentido de realidade nesse último texto.

sem nenhuma “intenção” por parte da criança. O feto preferiria muito permanecer por mais tempo dentro do útero sem qualquer perturbação, mas é cruelmente trazido ao mundo e precisa esquecer (recalcar) os tipos de satisfação aos quais havia se afeiçoado e adaptar-se a novos. O mesmo jogo cruel é repetido em cada novo estágio do desenvolvimento (FERENCZI, [1913] 1916, p. 200-201).

Likierman (2012) comenta que falar no desenvolvimento de um “sentido de realidade” indica que, embora seja necessário reconhecer cada vez mais a realidade externa, não chegamos a conseguir percebê-la de forma total e completamente pura. Assim, em cada nova fase superada, tenta-se alcançar o máximo possível de um “sentido” de realidade, ainda que a ilusão de onipotência possa encontrar formas de retornar em algumas situações.

Como dissemos, a teoria sobre a linguagem elaborada por Sabina Spielrein permite complementar as hipóteses de Freud e Ferenczi sobre a temática em questão.

Os estágios do desenvolvimento da linguagem segundo Spielrein

Como mencionamos acima, na palestra *O surgimento e o desenvolvimento da fala articulada*, Spielrein apresenta algumas hipóteses iniciais sobre o desenvolvimento da linguagem verbal. Um resumo da palestra foi publicado no terceiro volume de 1920 do *International Journal of Psychoanalysis* (SPIELREIN, 1920). Em 1922, no texto *A origem das palavras infantis papai e mamãe*, ela dá continuidade a sua teorização.

Spielrein ([1922] 2003) argumenta que é necessário diferenciar entre a linguagem verbal e outros tipos de linguagens, como a linguagem rítmica ou melódica, a linguagem gestual, a linguagem do ato, entre outras. As linguagens baseadas em som – a melodia e, sobretudo, as palavras – desempenham um papel predominante como meio de comunicação, motivo pelo qual elas são consideradas “as linguagens sociais”. Segundo a autora, a valorização da linguagem verbal teria feito com que formas de linguagem mais primitivas permanecessem em segundo plano e passassem à posição de linguagens auxiliares. No entanto, tanto no mundo animal como no humano, a linguagem verbal seria precedida por outras. No início da vida, a criança expressaria seus estados internos através de diferentes ritmos, tons e intensidades de seu choro, ou seja, através de uma linguagem melódica primitiva.

De acordo com a teoria elaborada nos dois textos mencionados acima, o desenvolvimento da linguagem verbal percorreria três estágios: o “estágio autístico”, o “estágio mágico” e o “estágio social”. No primeiro desses estágios, tal linguagem não teria como objetivo a comunicação ou a compreensão por parte de outra pessoa, mas existiria por si mesma. A produção das palavras visaria apenas a obtenção de satisfação. A autora argumenta que as primeiras palavras (mö-mö, pö-pö) consistem em repetições de movimentos executados no ato de sugar e que essas repetições evocam as sensações prazerosas experienciadas durante a amamentação. Nessa fase, a fantasia se sobreporia à realidade, de forma que não haveria ainda a percepção do mundo externo como algo diferenciado de si mesmo. Com o desenvolvimento, o infante deveria se tornar consciente de que há uma diferença essencial entre a “gratificação aparente”, que ele obtinha dizendo as primeiras palavras, e a “gratificação real” obtida no sugar (SPIELREIN, [1922] 2003).

No segundo estágio do desenvolvimento da linguagem, o “estágio mágico”, esta passaria a ter uma significação adicional, uma vez que passaria a evocar a realidade. Ao contrário do que ocorreria na fase autística, nessa etapa, começaria a surgir a ideia de um mundo externo, diferenciado do eu e que poderia ser influenciado. Apesar disso, a onipotência ainda seria o traço central do pensamento da criança. Para Spielrein, nessa fase, o pensamento seria sempre a expressão de um desejo e pensar em algo seria suficiente para que o pensado se realizasse. Assim, a criança teria a ilusão de que a linguagem é capaz de evocar, de forma mágica, a realidade desejada.

Assim como Freud e Ferenczi, Spielrein ([1922] 2003) considera que o primeiro fator que contribui para a diferenciação entre o eu e o mundo externo é a frustração, ou seja, o não apaziguamento da fome a partir da produção dos processos reflexos. No entanto, ela encontra na teoria de Gabriel Compayre (1843-1913) a indicação de outro fator que poderia contribuir para tal processo: o próprio contato com o seio da mãe. A autora levanta a hipótese de que talvez seja pressionando o seio da mãe em sua boca que a criança adquira a primeira noção confusa de exterioridade. A resistência vivenciada em tal contato faria com que o bebê fosse percebendo-se como separado do objeto. Diz ela:

Como nenhum outro, o ato de sugar é fundamental para as experiências mais importantes da vida da criança: aqui ela começa a conhecer a felicidade de ter a fome

satisfeita, mas ela também aprende que essa felicidade tem um fim e tem que ser alcançada novamente. A criança vivencia, pela primeira vez, o fato de que há um mundo fora dela. Seu contato com o seio da mãe desempenha um papel nisso oferecendo alguma resistência aos movimentos da boca da criança. Finalmente, ela aprende que há um refúgio no mundo externo, o qual é desejado não apenas porque lá sua fome é satisfeita, mas porque ele é quente e macio e o protege de todos os perigos [...] (SPIELREIN, [1922] 2003, p. 304).

No estágio mágico, apesar de já haver certa noção da diferenciação entre a criança e o mundo externo, estaria presente a crença de que é possível evocar a realidade atual através de uma ação aparente, tal como pronunciar “mö-mö” e “pö-pö”. Isso ocorreria devido ao fato de que, ao ouvir tais palavras, o cuidador compreenderia instintivamente o desejo do bebê e buscaria satisfazê-lo. Desse modo, nessa fase, seria suficiente pronunciar algumas palavras para evocar o conjunto de sensações correspondentes ao que a criança já seria capaz de reconhecer como o mundo externo.

A autora argumenta que, no estágio autístico, quando o bebê pronuncia “mö-mö”, ele o faz inicialmente não porque essa palavra o lembre de uma ação ligada a sensações prazerosas. Em sua origem, “a palavra não significava uma ação, ela era a ação em si mesma” (SPIELREIN, 1920, p. 298). Segundo ela, esse fato permite elucidar a origem da mágica.

Na mágica está presente a crença de que a palavra pode substituir uma ação e de que a alteração na palavra pronunciada é capaz de produzir uma alteração no objeto representado por ela. Essas crenças se devem ao fato de que as primeiras palavras eram, originalmente, ações, diz Spielrein. Assim, na mágica, seria retomada a suposição infantil de que pronunciando o nome é possível realmente evocar certo grupo de sensações e de que, se o nome for alterado ou danificado, o conteúdo psíquico a ele conectado (no caso, uma pessoa) também o será³.

³ Cromberg (2006) pontua que Spielrein se baseia nas hipóteses de Freud sobre a passagem do princípio do prazer ao de realidade, apresentadas em *Formulações sobre os dois princípios do acontecimento psíquico* e, especialmente, em *Totem e Tabu*, mas vai além. A autora comenta que, se Freud termina esse último texto, após falar do assassinato do pai primordial e da sua proibição geradora de cultura, dizendo “no início era o ato”, em substituição a formulação religiosa “no início era o Verbo”, Spielrein dirá, à sua maneira, “no início do verbo era a ação”.

Segundo Spielrein ([1922] 2003), a experiência original “palavra-ação”, que faz o objeto desejado existir simplesmente desejando, não seria destruída rapidamente. Assim como Ferenczi, ela ressalta que o abandono da onipotência e a consolidação da diferenciação entre o eu e o mundo externo são processos que ocorrem paulatinamente no desenvolvimento mental e têm como principal propulsor a frustração e a necessidade de adaptação.

Gradualmente, a criança passaria a traçar uma linha divisória suficientemente clara entre ela e o mundo externo, o que lhe permitiria enxergar-se do ponto de vista de outro ser humano. A autora ressalta que nós aprendemos, aos poucos, a restringir nossos desejos e a agregar significados facultativos às palavras e que nem todas as pessoas adquirem completamente essa capacidade. Com a consciência de nossa própria imperfeição e dependência do mundo externo, surgiria a necessidade de manter o apoio de nossos próximos para se comunicar, sentir-se compreendido e, finalmente, compreender. Seria a partir desse processo que a linguagem ingressaria no estágio social, período no qual ela passaria, de fato, a ser destinada a outros seres humanos (SPIELREIN, [1922] 2003).

O estágio social da linguagem seria consolidado quando a distinção entre fantasia e realidade fosse estabelecida de maneira satisfatória e quando as palavras passassem a ter um significado facultativo e não um significado imposto. Diz ela:

Apenas quando a realidade é conhecida ao lado da fantasia, quando os outros semelhantes são reconhecidos ao lado de nós mesmos e quando as palavras deixam de conter um significado imposto, mas passam a ter um significado facultativo é que emerge o que nós adultos geralmente entendemos como linguagem. Esse é o terceiro estágio, o estágio social da linguagem destinada aos outros seres humanos (SPIELREIN, [1922] 2003, p. 301-302)

Dessa forma, apenas no estágio social a linguagem passaria a ter a função genuína de comunicação com os outros seres humanos e as palavras passariam a ser compreendidas como símbolos dos objetos.

Podemos inferir que a entrada da criança no estágio social da linguagem seria essencial para o ingresso no estágio científico de reconhecimento do mundo, descrito por Ferenczi. Segundo Spielrein ([1922] 2003), a palavra falada e socializada é que permitiria que o pensamento se tornasse lógico e adaptado às exigências da realidade.

Contudo, o predomínio da linguagem socializada não faria com que as formas mais primitivas de linguagem fossem suprimidas. Spielrein enfatiza que os três estágios da linguagem permanecem intimamente conectados e que as formas primitivas de linguagem continuam presentes no subconsciente⁴. Essas ideias são desenvolvidas pela autora em seu texto subsequente *Algumas analogias entre o pensamento da criança, do afásico e o pensamento subconsciente*, publicado em 1923.

Considerações finais

Ferenczi ([1913] 1916) sustenta que o processo de transição do princípio do prazer ao princípio de realidade apresenta diferentes estágios. Nos três primeiros – o estágio da onipotência incondicional, o da onipotência alucinatória e o da onipotência com a ajuda de gestos mágicos – a onipotência predominaria e não estaria presente a distinção entre o eu e o mundo externo. Nos estágios seguintes do desenvolvimento do eu – o estágio animista e o estágio dos pensamentos e palavras mágicas –, a realidade começaria a se sobrepor à fantasia e a diferenciação entre o eu e a realidade externa seria gradualmente construída, até que a criança ingressasse no “estágio científico” de conhecimento do mundo, no qual a onipotência seria finalmente abandonada ou, mais precisamente, estaria presente em seu menor nível. O autor enfatiza que o processo de aquisição do sentido de realidade é um processo longo impulsionado pela frustração e pela necessidade de adaptação.

Em seu texto de 1922, Spielrein argumenta que os três estágios do desenvolvimento da linguagem verbal – o autístico, o mágico e o social – correspondem à sequência do desenvolvimento do princípio de realidade, descrita por Freud em *Formulações sobre os dois princípios do acontecimento psíquico* (FREUD, [1911] 1998b). Os estágios autístico e mágico corresponderiam à fase do princípio do prazer e o estágio social da linguagem corresponderia à etapa do desenvolvimento psíquico em que o princípio de realidade predominaria.

⁴ Uma abordagem mais detalhada da concepção de subconsciente de Spielrein pode ser encontrada em Caropreso (2019a).

Com sua teoria sobre os estágios do desenvolvimento do sentido de realidade, Ferenczi especifica as características do processo de transição do princípio de prazer ao princípio de realidade, descrito por Freud. Spielrein, por sua vez, complementa a teoria desses autores ao formular uma teoria sobre a maneira como o desenvolvimento da linguagem verbal acompanha esse processo, questão essa que não receberá tratamento tão sistemático nas teorias psicanalíticas subsequentes. Ambos os autores formularam teorias originais, que contribuem de forma significativa para a compreensão do funcionamento mental e que merecem maior destaque e reconhecimento na história e na filosofia da psicanálise.

Referências

CAROPRESO, F. As hipóteses teóricas de Sabina Spielrein nas suas cartas a Carl Gustav Jung (1917-1918). *Psicologia USP*, São Paulo, v. 30, e180035, 2019a. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e180035>

CAROPRESO, F. O conhecimento e o sentido de realidade no pensamento de Sándor Ferenczi. *Psicologia em Estudo*, v. 24, e42588, 2019b. <http://dx.doi.org/10.4025/1807-0329e42588>

CROMBERG, R. U. Sabina Spielrein e a origem positiva da linguagem. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 2., 2006, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica PUC-SP, 2006.

FERENCZI, S. Stages in the development of the sense of reality. In: JONES, E. *Sándor Ferenczi. Contributions to psycho-analysis*. Trad. Ernest Jones. Boston: The Gorham Press, 1916. p. 181-203. (Originalmente publicado em 1913).

FERENCZI, S. The problem of acceptance of unpleasant ideas: advances in knowledge of the sense of reality. In: RICKMAN, J. (Ed.). *Sándor Ferenczi. Further contributions to the theory and technique of psycho-analysis*. Trad. Jane Isabel Suttie. New York: Boni and Liveright, 1927. p. 366-379. (Originalmente publicado em 1926).

FREUD, S. La interpretación de los sueños. In: STRACHEY, J. (Ed.). *Sigmund Freud: Obras Completas*. Trad. J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998a. v. 5. (Originalmente publicado em 1900).

FREUD, S. Formulas sobre los dos principios del acaecer psíquico. In: STRACHEY, J. (Ed.). *Sigmund Freud: Obras Completas*. Trad. J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998b. v. 12, p. 217-232. (Originalmente publicado em 1911).

FREUD, S. Proyecto de Psicología. In: STRACHEY, J. (Ed.). *Sigmund Freud: Obras Completas*. Trad. J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998c. v. 1, p. 323-407. (Originalmente publicado em 1950).

FREUD, S. Observações sobre um caso de neurose obsessiva: “o homem dos ratos”. In: SOUZA, P. C. (Org.). *Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“o homem dos ratos”), uma recordação da infância de Leonardo da Vinci e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. v. 9, p. 13-112. (Originalmente publicado em 1909).

FUENTES BARCO, M. *et al.* Biografía de Sabina Spielrein (1885-1942): una historia de los primeros años del psicoanálisis. *Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatría*, v. 28, n. 1, p. 109-177, 2008.

HERZOG, R.; PACHECO-FERREIRA, F. Trauma e pulsão de morte em Ferenczi. *Ágora*, v. 18, n. 2, p. 181-194, 2015. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982015000200002>

LIKIERMAN, M. The “here-and-now” in Ferenczi’s thinking and its influence on Melanie Klein. In: SZEKACS-WEISZ, J.; KEVE, T (Eds.). *Ferenczi for our time: Theory and practice*. London: Karmac Books, 2012. p. 19-25.

SANTIAGO-DELEFOSSE, M.; DELEFOSSE, J. M. Spielrein, Piaget and Vygotsky. Three positions on child thought and language. *Theory & Psychology*, v. 12, n. 6, p. 723-747, 2002.

SPIELREIN, S. On the question of the origin and development of Speech. *International Journal of Psychoanalysis*, v. 1, n. 3, p. 351-360, 1920.

SPIELREIN, S. The origin of child’s words Papa and Mama: some observations on the different stages in language development. In: CONVINGTON, C.; WHARTON, B. (Eds.). *Sabina Spielrein Forgotten pioneer of psychoanalysis*. New York: Brunner-Routledge, 2003. p. 289-306. (Originalmente publicado em 1922).

SPIELREIN, S. Quelques analogies entre la pensée de l’enfant, celle de l’aphasique et la pensée subconsciente. *Archives de Psychologie*, v. 18, p. 305-322, 1923.

RECEBIDO: 23/06/2020
APROVADO: 24/02/2021

RECEIVED: 06/23/2020
APPROVED: 02/24/2021